



## RESENHA

### Crônicas de uma época acidentada: dois livros de Paul Virilio\*

VIRILIO, P. *A bomba informática*. Estação Liberdade, São Paulo, 1999. (Tradução: Luciano Vieira Machado; 144 páginas).

VIRILIO, P. *Estratégia da decepção*. Estação Liberdade, São Paulo, 2000. (Tradução: Luciano Vieira Machado; 96 páginas).

183

*Tenho restrições aos textos jornalísticos quando enfeixados em livro. O leito natural da crônica, do artigo ou da reportagem é o próprio jornal, que dura, ou pelo menos deve durar, um dia.*  
Carlos Heitor Cony<sup>1</sup>

O urbanista francês Paul Virilio recorreu à filosofia aristotélica para cunhar um dos seus conceitos mais interessantes: o de “acidente”. Enquanto a “substância” é absoluta e necessária, apregoava Aristóteles, o “acidente” é relativo e contingente; é aquilo que acontece inadvertidamente à substância, mas que acaba revelando-a. Após a “reciclagem” operada por Virilio, o conceito de “acidente” passou a designar as consequências inadvertidas (e negativas) das invenções tecnológicas: do Titanic a Chernobyl,

o mundo deveria ter aprendido a lição...

Mas este mundo nosso não aprende facilmente as lições, e essa lamentável característica parece ter deixado marcas igualmente lamentáveis no ensaísta francês. Polemista sagaz, conhecido pelas suas análises agudas da sociedade tecnológica —plasmadas em várias obras já clássicas, tais como *O Espaço Crítico*, *A Máquina da Visão* e *A Arte do Motor*—; a julgar pelos seus lançamentos editoriais mais recentes, porém, Virilio parece ter caído numa armadilha por ele de-

---

\*por Paula Sibilía, mestranda em “Comunicação, Imagem e Informação”. IACS / UFF

nunciada com inigualável fervor: a banalização midiática do seu próprio pensamento.

A *Bomba Informática* e *Estratégia da Decepção* são os dois últimos livros de Virilio, ambos lançados no Brasil um ano depois das suas edições originais francesas. Os dois volumes têm uma estrutura similar: reúnem uma série de artigos, a maioria dos quais já foram publicados de forma avulsa em diversos periódicos europeus. Apesar da sempre saudável abordagem crítica praticada por Virilio, a origem jornalística destas crônicas não se evidencia apenas no seu tom “coloquial”; em alguns casos, infelizmente, ela chega a afetar também o teor de certos conteúdos, que sem dúvida mereceriam um tratamento mais rigoroso e sutil. O tipo de tratamento, precisamente, que o autor costumava dispensar aos mais diversos assuntos...

Ironicamente, agora a teoria dos “acidentes” poderia se aplicar ao próprio discurso de Virilio. Se considerarmos o conjunto da sua obra, incluindo os seus trabalhos mais valiosos, como uma “substância” aristotélica, então estes dois últimos títulos correriam um sério risco: o de serem apontados como um penoso “acidente” concomitante. Isso sugerem, ao menos, alguns conceitos ligeiramente delineados que povoam as páginas de ambos os livros, bem

como a retórica inflacionada com golpes de efeito e, inclusive, um certo moralismo nos julgamentos e opiniões, que acabam embaçando a análise crítica dos temas tratados.

Por isso tudo, o Paul Virilio que assina estas crônicas pode suscitar uma impressão paradoxal nos leitores, especialmente naqueles que conhecem e apreciam a sua obra anterior: em certas passagens, ele parece ter se convertido num “virilista” ferrenho, um missionário tão convicto das suas próprias teses que não desconfia mais delas, a ponto tal que não se sente mais obrigado a justificá-las, a defendê-las com argumentações bem amarradas. Como outrora: argumentações surpreendentes e provocadoras, sim, mas solidamente provocadoras.

Muitas das idéias expostas nestas crônicas são interessantes, sem dúvida, deixando transparecer o olhar perspicaz do autor. Contudo, em termos gerais a sensação é de “rascunho”: é mais o que prometem para futuras sondagens, do que elas renderam de fato nas páginas impressas. Em algumas ocasiões, inclusive, insinua-se um Paul Virilio convertido numa caricatura de si mesmo, um “acidente” daquele outro autor: aquele ensaísta arguto e original, que sabia jogar verdadeiras bombas teóricas e não decepcionantes “bombas de efeito moral”.

## **Estampas de fim-de-milênio**

*A Bomba Informática* consta de quatorze artigos. Nenhum deles tem título e nem data de publicação, nenhuma marca que os identifique ou que os distinga entre si: apenas o número, do 1 ao 14. Eles tampouco tratam de assuntos claramente diferenciados; ao longo do livro, os temas e as análises intersectam-se; em alguns casos, inclusive, reiteram-se certos dados, idéias e até frases inteiras. Estas características inspiram, no leitor, a sensação de estar transitando um único texto; que, por vezes, adota a forma de um desabafo, de uma queixa ou até de uma espécie de “sermão”.

O grande tema que percorre todas as crônicas, brindando unidade ao livro, é uma marca registrada do pensamento “viriliano”: as novas tecnologias de informação e telecomunicação, e as suas implicâncias em nível econômico, político, social e cultural no mundo contemporâneo. Tocam-se assim assuntos de candente atualidade (às vezes tão candente, que já ficou obsoleta): da publicidade interativa à clonagem humana; dos corpos mutantes das *top models* às novas relações entre pornografia, cultura e mercado; das câmeras de vídeo que exibem intimidades via Web ao novo sistema de radares televisivos; da influência do cinema na percepção ao suicídio assistido por computador; da decadência do programa espacial

da Guerra Fria à atualíssima televigilância satelital.

Desfilam assim, pelas páginas deste *Bomba Informática*, muitos temas instigantes. Boas idéias, porém, são jogadas uma após a outra, a toda velocidade, muitas vezes rematadas com algum comentário escandalizado. Por isso, fica a impressão de que vários dos assuntos tratados mereceriam uma maior atenção; outros, entretanto, já foram desenvolvidos em livros anteriores do autor, e aqui são expostos de maneira simplificada, descontextualizados, perdendo assim boa parte da sua força original.

Quando Virílio afirma, por exemplo, que “imagens e mensagens digitais importam menos que a sua transmissão instantânea”, parafraseando o famoso lema de Marshall McLuhan: “a mensagem não é o meio, mas somente a sua velocidade”; é inevitável que o leitor se pergunte, no mínimo, pelos motivos de uma tal afirmação. Só por elas serem “digitais”, o “conteúdo informativo” das mensagens “importa menos” que o fato delas viajarem velozmente? O que significa exatamente “importar menos”? Mas os esclarecimentos não aparecem, neste caso como em vários outros: o autor pula rapidamente para um outro tema, e a dúvida no leitor fica insatisfeita. Embora as idéias sejam viáveis e até sedutoras, elas requerem um maior aprofundamento: ao ser jogadas

simplesmente assim, como uma série de epítetos inflamados, elas também se despotencializam; poderíamos dizer, inclusive, que o seu “conteúdo informativo” passa a “importar menos”, virando apenas “velocidade”.

Nas crônicas de *A Bomba Informática* abundam os jogos de palavras desse tipo: sonora e visualmente eficazes, mas cujo sentido pode resultar duvidoso. Golpes de efeito claramente midiáticos, marcados pelas urgências e pelos truques típicos da escrita jornalística, iguais aos milhões que nos bombardeiam cotidianamente e que o autor costuma denunciar com mais afinco do que ninguém...

O conceito de “interação”, por exemplo, seria para Paul Virilio diferente do de “ação”, mas a ele comparável por ser inferior: uma forma degradada da “verdadeira ação”. O problema, todavia, é que o autor parece entender tal oposição de termos como óbvia, prescindindo de maiores explicações ou justificativas. A partir de contrastes como esse, supostamente evidentes, Virilio tece diversas conexões e paralelismos: opõe “a realidade atual das comunicações” à “realidade virtual das telecomunicações”, por exemplo. Prevê que a “bomba informática” detonará “a primeira guerra mundial no tempo real” ou, melhor ainda: “a primeira guerra do tempo mundial”. E assim por diante...

Entre esses jogos de palavras e esses conceitos carentes de definições exaustivas, abusando de maiúsculas, itálicas, signos de exclamação e outros recursos gráficos, vai tomando corpo no livro um certo clima “apocalíptico”. Cresce no leitor a impressão de que, segundo o autor, “todo tempo passado foi melhor”. Junto ao mal-estar pelo presente e pelo eventual futuro, percebe-se uma certa “nostalgia” dos tempos idos, acaso mais “autênticos” e menos “virtuais”. Contudo, o leitor fica com vontade de ser plenamente convencido pelas palavras impressas; e, mais uma vez, o “por quê?” fica sem resposta.

### **A última guerra**

*Estratégia da Decepção* é um livro breve e quase monográfico; composto por quatro artigos, o tema é a guerra dos Bálcãs. Os três primeiros textos, inclusive, foram escritos durante o conflito bélico. Ao analisar os episódios de 1999, Paul Virilio destaca o desdobramento de uma nova estratégia militar por parte do “Pentágono-Capitalismo”, exposta ao mundo junto com os novos armamentos durante o conflito na Europa.

Para Virilio —quem costuma se auto-definir como “especialista em assuntos estratégicos”—, essa “última guerra do milênio” deu início a “um longo processo de decomposição geográfica das

nações”. Eis a tese do autor: tal processo está sendo induzido e comandado pelos Estados Unidos, e tem raízes marcadamente econômicas. O objetivo? Destacar a supremacia total daquele país, como a única grande potência do mundo globalizado. Em palavras do próprio presidente Clinton: “o século passado foi americano, o próximo deverá sê-lo ainda mais”.

Essa abordagem situa-se na mesma linha da “*infowar*”, também analisada em *A Bomba Informática*: a “guerra eletro-econômica declarada ao mundo pelos Estados Unidos”, com o intuito de tornar “cibernéticos” ou “interativos” todos os intercâmbios do planeta. Para tanto, é preciso que todas as nações joguem o mesmo jogo, aceitando as regras impostas pelos EUA e sabendo que a superioridade tecnológica também é privilégio daquele país. Para que não restem dúvidas disso, periodicamente são organizados desfiles de armamentos com exibição global garantida, em conflitos bélicos como a Guerra do Golfo e a de Kosovo.

Assim, por trás da justificativa “humanitária” dada à intervenção da Otan nos Bálcãs, por trás dessa “defesa dos valores” capaz de ultrapassar o respeito às soberanias nacionais, Virilio detecta um “empreendimento metapolítico”, cautelosamente orquestrado pelo “Pentágono-Capitalismo”, cuja

meta seria transformar o planeta num gigantesco subúrbio dos EUA. Um subúrbio baixo controle, constantemente vigiado pela malha satelital que cobre os céus e desconhece as antigas fronteiras territoriais. Tais processos tecnológicos são paralelos à desregulamentação dos mercados nacionais que vem sendo operada no mundo inteiro, também sob a égide dos Estados Unidos.

Talvez seja interessante relacionar esta análise da guerra de Kosovo de Paul Virilio, com a do filósofo Jacques Rancière, quem viu nesse conflito mais uma manifestação da “morte da política”, negando violentamente a individualidade dos kosovares e o seu direito à vida pública.<sup>2</sup> Nesse sentido, Virilio cita outra frase bastante eloqüente do presidente dos EUA, Bill Clinton: “não há mais diferença entre política interna e política externa”. No seu livro, o urbanista francês também se propõe a “chamar as coisas pelo devido nome”, se perguntando “até que ponto a legitimização dessa situação precisava da versão para o grande público dos acontecimentos que nos foi servida”. Assim, depois do “tratadema humanitário um tanto rançoso”, foi encenado o julgamento exemplar do líder sérvio Milosevic, demonizado pela mídia, que segundo Virilio serviu tanto como “legitimação” para os ataques da Otan quanto de “advertência” para os demais países do planeta.

Outra “advertência” foi dirigida aos povos dessas nações “refratárias”, eventualmente problemáticas; os “países-pesadelo”, como as denomina o sociólogo alemão Robert Kurz.<sup>3</sup> Segundo Virílio, as imagens dos refugiados kosovares que inundaram as telas do mundo inteiro durante o conflito escondiam uma “mensagem subliminar”: “preparem-se; porque, se vocês não tiverem cuidado, *amanhã será a sua vez!*”.

Para que isso tudo fosse possível, aceitável pela “opinião pública”, de acordo com Paul Virilio foi necessária uma “longa preparação psicológica”, sem a qual “o exercício inédito do novo direito de intervenção nos assuntos internos de nações soberanas, sem dúvida teria sido impossível”. Essa campanha para influenciar a opinião pública mundial teria começado logo após a queda do Muro de Berlim, com o surgimento de “uma estranha ‘defesa do gênero humano’, popularizada na mídia por numerosos *teletons* e outros shows interativos”. Segundo o autor, tais gestos “se destinaram a preparar os espíritos para grandes manobras humanitárias, muito menos pacíficas, como as do Kosovo”.

Apesar do aroma “conspirativo” que permeia o diagnóstico de Virilio, a sua perspectiva crítica não deixa de ser interessante. Também aqui, porém, seria desejável um maior aprofun-

damento empírico e conceitual, bem como o polimento de certos exageros estilísticos. Após recorrer à metáfora do Dr. Jekyll e Mr. Hyde para descrever a atuação da Otan perante a opinião pública, por exemplo, o autor chega a conjecturar que até o famoso “Monicagate” ganharia uma explicação lógica após a guerra: “a eclosão aparentemente aberrante do caso Clinton-Lewinski... pode se revelar agora como a preparação da opinião pública mundial para a nova revolução militar”.

### O pecado hiperbólico

Ao denunciar as mazelas da nossa sociedade tecnológica, Paul Virilio cumpre um importante papel: seu olhar desconfiado e sua voz incisiva, sempre balizando temas atuais e de evidente interesse, destacam-se na aridez do cenário teórico contemporâneo. No entanto, nestas crônicas ele comete alguns pecados que acabam prejudicando os resultados finais: abusos retóricos, descuidos expositivos, certa ligeireza na análise e um excessivo apego aos dados da “atualidade” (que, como sabemos, sofrem de severa obsolescência).

Às vezes incomoda, também, seu “milenarismo *high-tech*”, que embora sendo visceral não o impede de cair na tentação do “futurologismo”. Um dos alvos favoritos dessas duas “debilidades virilianas” é a Internet, que

estaria chamada a colidir com um iceberg, “mais dia menos dia”, seguindo os fatídicos passos do Titanic. Além desses maus augúrios de “colapso iminente”, a Rede ganha outras acusações categóricas ao longo de ambos os livros, tais como “forma hipertrofiada de um colonialismo cibernético” ou “última figura monopolística”.

Em *Estratégia da Decepção*, o autor torna a desabafar contra a Internet, cujas origens militares seriam indelévels. Sente-se a falta, porém, de uma problematização mais intensa do papel da nova mídia no conflito dos Bálcãs. Virilio chega a citar o “guru midiático” Nicholas Negroponte, quem “observava com justeza” a falta de um referencial contextual na Rede, onde os usuários possam “situar os fatos e distinguir assim o VERDADEIRO do FALSO”. E continua Virilio: “Na Web, onde, como todos sabem, a tentação terrorista é constante e onde os danos causados pelos *hackers* se sucedem impunemente numa estranha indefinição jurídica, a diferença entre informação (verdadeiro) e decepção (falso) torna-se cada vez mais apagada”. Com esses vagos conceitos de “informação” e “desinformação”, “verdadeiro” e “falso, apesar das maiúsculas, a *Estratégia da Decepção* pode acabar decepcionando também o leitor...

O autor, compreende-se, está

preocupado.. E provavelmente não seja para menos: motivos, como sabemos, não faltam. Quando a dramaticidade do quadro é eloqüente, porém, os exageros expressivos sobram. Por isso, quanto menos hiperbólica seja sua expressão, tanto mais efetivamente poderá ser transmitido seu patetismo. Isso ficou largamente demonstrado por algumas das mais sagazes testemunhas deste Ocidente pródigo em absurdos: basta lembrar do poderoso tom monocorde de Franz Kafka, por exemplo, descrevendo impiedosa e pacientemente as realidades mais atrozes sem perder a elegância jamais. Talvez não caiba exigir méritos literários a um ensaísta: a comparação, contudo, pode ser audaciosa mas não é ociosa, pois o quadro do fim-de-milênio esboçado nos escritos de Paul Virilio tem fortes parentescos com as velhas paisagens kafkianas.

Uma referência implícita do indignado autor destas crônicas é, sem dúvida, o pensador alemão Hans Jonas, a cujo “princípio de responsabilidade” Paul Virilio alude em repetidas ocasiões. O eco de Jonas não se sente apenas no estilo “profético”, mas também no apelo à construção de uma “nova ética” tendente a estabelecer limites ao agir humano, após a abertura da caixa de Pandora pela tecnociência contemporânea. Já em 1979, dizia Hans Jonas: “definitivamente de-

sencadeado, Prometeu, a quem a ciência proporciona forças nunca dantes conhecidas e a economia um infatigável impulso, está pedindo uma ética que evite mediante freios voluntários que seu poder leve aos homens ao desastre”, pois “a promessa da técnica moderna se converteu numa ameaça, ou a ameaça ficou indissolivelmente associada à promessa”.<sup>4</sup>

Com a agudeza crítica que o caracteriza, acaso Virilio terá se perguntado se a publicação destas crônicas em formato livro era realmente necessária? Ou se seria conveniente um trabalho de aprofundamento prévio, para evitar o aumento da “poluição informativa” que assola a Terra? Inclusive nestas páginas, o autor alude com desprezo a essa “*apresentação intempestiva* dos acontecimentos, através dos meios de comunicação de massa, que privilegiam (todos eles) o furo de reportagem e o *clip*, em detrimento da narrativa e de suas insuportáveis ‘demoras’, a fim de evitar a todo custo a utilização do controle remoto”.

Outro francês, o escritor Stéphane Mallarmé, disse há muito tempo que tudo no mundo tinha nascido para acabar “num belo livro”. Nestes tempos de incertezas, porém, só sabemos que quase tudo mudou, e que já nem os livros continuam a ser como dantes...

## Notas

- 1 Carlos Heitor Cony, “O ovo de cada um”, *Folha de São Paulo*, 7/2000.
- 2 Jacques Rancière, “A guerra sem nome”, Caderno “Mais”, *Folha de São Paulo*, 16/5/99.
- 3 Robert Kurz,, “Está prestes a se concretizar a união de duas formas decadentes de sociedade capitalista”, Caderno “Mais”, *Folha de São Paulo*, 6/99.
- 4 Hans Jonas, *El principio de responsabilidad. Ensayo de una ética para la civilización tecnológica*, Editorial Herder, Barcelona, 1995.

## Normas para publicação

A Contracampo – revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação – aceita trabalhos inéditos para publicação dentro das principais linhas temáticas do mestrado.

Todo artigo será submetido a dois pareceristas ligados ao Conselho Editorial, cabendo aos editores a decisão final sobre a publicação e a notificação ao autor.

Formato: o trabalho deve ser digitado em formato word, em plataforma Windows, corpo 12, Times New Roman, no tamanho médio de 15 laudas, texto corrido, teclando “enter” apenas uma vez para mudança de parágrafo, com notas e bibliografia ao final. Deve ser acompanhado de resumo (em português e inglês) de 5 a 8 linhas, palavras-chave (5), breve identificação do autor (titulação e vinculação acadêmica) e endereço, telefone e e-mail.

Endereço para envio: o trabalho deve ser enviado aos editores para o endereço postal – em cópia impressa acompanhada de disquete – ou endereço eletrônico.

Revista Contracampo  
Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação  
Rua Lara Vilela, 123 - São Domingos. Niterói. RJ  
CEP: 24220-002

Endereço eletrônico  
afonso.ntg@terra.com.br  
sibonei@gbl.com.br

Este Livro Foi Impresso  
na Daugraf Gráfica e Editora  
Rua Pedro Alves, Nº 154 - Santo Cristo - RJ  
Tels.: (21) 518-6847 - 263-5587

A revista **contracampo** permanece fiel ao propósito de estabelecer aberto diálogo entre as mais diferentes abordagens nos campos da comunicação contemporânea, conformando assim o necessário espaço para os debates transdisciplinares.